

# A MORTE E O MORRER NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

## *DEATH AND DYING IN PERSPECTIVE OF NURSING STUDENTS*

Daiana Barbosa Ribeiro<sup>1</sup>, Renata Costa Fortes<sup>1,2</sup>

**Resumo:** A morte, a perda e todas as suas implicações estão presentes no cotidiano do profissional de enfermagem desde a sua graduação. A tanatologia, estudo do luto, sofre tabus que dificultam a sua abordagem no meio acadêmico. O objetivo deste estudo foi analisar o conhecimento dos estudantes do curso de graduação em enfermagem sobre a tanatologia. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de campo, qualiquantitativa, realizada no período de abril a maio de 2011, onde foi aplicado um questionário semi-estruturado contendo 12 questões a 107 alunos do curso de graduação em enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior no interior do Estado de Goiás. Da análise do material foi desenvolvida a delimitação e caracterização da amostra, a reflexão dos acadêmicos sobre o processo de morte e morrer e a relação da tanatologia e o curso de graduação em enfermagem. Observou-se que os alunos de enfermagem egressam da graduação com pouca ou nenhuma informação sobre como lidar com o processo de morte e morrer. Cabe então, aos cursos de graduação em enfermagem, iniciar seus acadêmicos em tanatologia, para no futuro, termos profissionais cada vez mais preparados para lidar com o luto.

**Palavras-chave:** Graduação em enfermagem, tanatologia, educação para morte.

---

**Abstract:** *Death, loss and all its implications, are present in day-to-day professional nursing since graduation. The thanatology, the study of grief, suffering taboos that hinder their approach in academia. The objective of this study was assess students' knowledge of the undergraduate program in nursing on thanatology This is an exploratory research of field, qualitative and quantitative, carried out during April-May 2011, where we applied a semi-structured questionnaire containing 12 questions to 107 students from undergraduate nursing of a higher education institution within the State of Goiás. The analysis of the material was developed delimitation and characterization of the sample, the reflection of the students about the process of death and dying and the relationship thanatology and undergraduate nursing. We found that students leave the nursing graduate with little or no information on how to deal with the process of death and dying. It is then, to undergraduate courses in nursing, starting in their academics thanatology for the future professional terms increasingly prepared to cope with bereavement.*

**Key words:** *Degree in nursing, thanatology, education for death.*

---

<sup>1</sup>Curso de Enfermagem, Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires (FACESA), Valparaíso de Goiás – GO. <sup>2</sup>Curso de Nutrição, Universidade Paulista (UNIP), Campus Brasília-DF.  
**Endereço para correspondência:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Costa Fortes. QI 14. Cj J. CS 26. Guará 1 - DF. CEP: 71015-100.  
Telefone: (61) 8101-8555. E-mail: fortes.rc@gmail.com

**Recebido em: 02/01/2012. Aceito em: 16/03/2012**

## Introdução

A morte, a perda e todas as suas implicações estão presentes no cotidiano do profissional de enfermagem, desde a graduação, durante o período de estágio e no decorrer da vida profissional, na vivência hospitalar. Porém, discutir o tema ainda está repleto de preconceitos, uma vez que nossa cultura relaciona morte à derrota e fracasso e não como um evento natural do ciclo vital<sup>1</sup>, o que implica em estranheza, sofrimento e repulsa por parte dos enfermeiros que são profissionais engajados para defender a vida.

Estudos sobre a morte e o morrer começaram a ser desenvolvidos no Brasil a partir da década de 80, que possui como marco o seminário “A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira”, realizado na Universidade de São Paulo. Deste evento, originou-se o livro de mesmo título que iniciou o debate do tema no país<sup>2</sup>.

A tanatologia, estudo do luto, desde então tem sido sistematizada, e hoje no Brasil existem instituições que oferecem cursos específicos na área, tornando o tema mais acessível, mas ainda existem diversos tabus em relação ao tema que dificultam sua abordagem inclusive no meio acadêmico<sup>3</sup>.

Na vida profissional, a ausência de reflexão sobre a morte pode levar a um ciclo de manutenção do preconceito quanto ao assunto, o que leva o profissional a uma sobrecarga que causa sofrimento, podendo ser responsável pelo acometimento de doenças como depressão ou até Síndrome de Burnout<sup>4</sup>.

Discutir o processo de morte e morrer, desde a graduação é preparar o profissional para a realidade que será vivenciada na prática. O objetivo deste estudo foi analisar o conhecimento dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem de uma Instituição de Ensino

Superior do interior do Estado de Goiás sobre o tema morte e morrer.

## Métodos

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de campo, qualiquantitativa realizada na Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires (FACESA) em Valparaíso de Goiás/GO, no período de abril a maio de 2011.

A Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires é uma instituição de ensino superior mantida pelo Centro Tecnológico e de Educação Sena Aires LTDA, criado em 22 de abril de 1998<sup>5</sup>. O curso de Bacharel em Enfermagem nela ministrado por sua vez, teve seu início no primeiro semestre de 2001 e o reconhecimento do curso em 30 de agosto de 2005 pela portaria do Ministério da Educação (MEC) nº. 2.995<sup>6</sup>. Em abril de 2011, o curso contou com 122 alunos matriculados no primeiro e segundo períodos e 76 alunos matriculados no sétimo e oitavo períodos, perfazendo um total de 198 alunos nos períodos selecionados para realização da pesquisa.

Foram incluídos, na amostra, os alunos devidamente matriculados no curso de enfermagem da FACESA, de ambos os sexos e separados em dois grupos: grupo A: 1º e 2º semestres e grupo B: 7º e 8º semestres de 2011. Foram excluídos os alunos ausentes nos dias determinados para a coleta de dados e aqueles que não quiseram participar voluntariamente.

Para a coleta de dados, aplicou-se um questionário semi-estruturado contendo 12 questões (25% abertas e 75% fechadas), com informações sobre a delimitação e caracterização da amostra, reflexão sobre o tema morte e morrer incluindo, interesse e sentimentos sobre o tema e questões sobre a tanatologia e a graduação de enfermagem. Após a separação dos alunos nos grupos de estudo (grupo A e grupo B), procedeu-se à numeração dos formulários para delimitação

das falas (identificadas por letras seguidas de números) e posterior análise do discurso.

Após a coleta de dados, os mesmos foram tabulados, utilizando-se o programa Microsoft Excel® versão 2007 e realizou-se a análise estatística descritiva por meio de frequências, médias e desvio padrão. Todas as informações subjetivas foram compiladas, comparadas e reunidas em subgrupos de semelhanças.

Os resultados obtidos nos Grupos A e B foram comparados entre si, para demonstrar a evolução em relação à tanatologia e educação para a morte de alunos do início do curso e aqueles pertencentes ao final do curso.

Esta pesquisa seguiu os princípios éticos contidos na Declaração de Helsinki, bem como a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

## Resultados e Discussão

### Delimitação e caracterização da amostra

A amostra foi composta por 107 estudantes do curso de graduação em enfermagem, separados em dois grupos: grupo A: 1º e 2º semestres (n = 69) e grupo B: 7º e 8º semestres.

Observou-se, em ambos os grupos, prevalência do sexo feminino, o que indica que a enfermagem continua sendo uma profissão predominantemente feminina (Tabela I).

Quanto à idade, averiguou-se, no grupo A, maior prevalência de indivíduos entre 18 e 30 anos (71,01%), enquanto no grupo B houve predomínio de alunos entre 25 e 40 anos de idade (63,16%) (Tabela I).

Em relação aos aspectos religiosos, observou-se que a religião católica predominou em ambos os grupos, com 55,07% de alunos pertencentes ao grupo A e, 55,26% ao grupo B. No grupo A, houve uma abstenção quanto ao credo religioso. (Tabela I). Outras religiões citadas pelos participantes foram o ecumenismo,

a umbanda e o ateísmo. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Bernieri e Hides<sup>3</sup>.

Quanto à ocupação, tanto no grupo A quanto no grupo B, a maioria (75,36 % e 57,89 % respectivamente) declarou não trabalhar na área de saúde (Tabela I), o que demonstra pouco contato prático com a área e poucas oportunidades de já terem lidado na prática com a questão da morte e do morrer no ambiente de trabalho.

Ao analisar as áreas de saúde dos alunos que possuíam experiência profissional na mesma (Grupo A = 24,64% e, Grupo B = 42,11%); diversas áreas foram especificadas, tais como: Pronto-Socorro, Unidade de Terapia Intensiva, Clínica Médica entre outros.

Tabela I. Características dos estudantes ingressos e egressos do curso de graduação em Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior do interior do Estado de Goiás (n=107).

Características	Grupo A (n=69)* n (%)	Grupo B (n=38)** n (%)
<b>Sexo</b>		
Feminino	51 (73,91%)	36 (94,74%)
Masculino	18 (26,09%)	02 (5,26%)
<b>Idade (anos)</b>		
Menor de 18	02 (2,90%)	00 (0,00%)
De 18 a 24	35 (50,72%)	09 (23,68%)
De 25 a 30	14 (20,29%)	08 (21,05%)
De 31 a 40	13 (18,84%)	16 (42,11%)
Acima de 40	05 (7,25%)	05 (13,16%)
<b>Religião</b>		
Católica	38 (55,07%)	21 (55,26%)
Evangélica/	27 (39,13%)	13 (34,21%)
Protestante	02 (2,90%)	02 (5,26%)
Espírita	01 (1,45%)	02 (5,26%)
Outras	01 (1,45%)	00 (00,00%)
Abstenção		
<b>Atuação na saúde</b>		
Sim	17 (24,64%)	16 (42,11%)
Não	52 (75,36%)	22 (57,89%)

Nota: \* 1º/2º semestres. \*\* 7º/8º semestres.

Em relação à experiência profissional, observou-se que o grupo A tinha uma média de atuação na área de saúde equivalente a sete anos e, o grupo B, a doze anos. Este contato prévio com a área deve influenciar as respostas

dos alunos e conseqüentemente o resultado da pesquisa<sup>3</sup>.

### Reflexões sobre o processo de morte e o morrer

Para introduzir o assunto do processo de morte e morrer solicitou-se ao aluno que definisse “a morte”, em seguida a frequência com que ele pensa no assunto, os sentimentos que ele relaciona com o processo de morte e morrer e a atitude que ele tem diante do tema.

As respostas quanto à definição de morte foram copiladas e reagrupadas de acordo com a semelhança de seu conteúdo<sup>7</sup>, sendo as categorias encontradas no grupo A: *final ou fim, passagem, natural e conseqüência*, e em B: *fim, passagem, certeza, naturalidade e perda*.

Final e passagem são as definições mais citadas em ambos os grupos como observado no exemplo das falas a seguir:

*“Final do Ciclo da vida” A5.*

*“Fim da vida” B30.*

A ênfase na morte como o último acontecimento é nítida e relacionada à morte materialista desvinculada de religião, diferente da idéia de passagem, que apresenta a morte como uma etapa para a ascensão espiritual como se vê a seguir<sup>8</sup>.

*“Uma passagem para a verdadeira vida porque aqui sobrevivemos” A4.*

*“É uma passagem para a continuação” B32.*

A morte também é apontada como uma certeza, indicando a percepção de universalidade da morte, quanto à idéia da morte natural ou aceitável pode estar relacionado a uma forma de negação, ou autoproteção para evitar maior reflexão sobre o assunto, uma vez que autores afirmam que profissionais de enfermagem têm

dificuldade de aceitar a morte como parte de seu processo de formação<sup>9</sup>.

*“Uma coisa natural” A60.*

*“Natural, já que é a única certeza que temos em nossa vida” B12.*

A morte também foi definida como consequência principalmente no grupo A e como perda, mais acentuadamente no grupo B, como segue as afirmações a seguir:

*“Uma consequência da vida” A38.*

*“Sentimento de perda” B23.*

Apenas um aluno citou o conceito fisiológico para a morte, o que pode indicar despreocupação dos estudantes com conceitos fechados e distantes de sua realidade social.

Uma vez definido o assunto de forma livre, buscou-se quantificar com que frequência os alunos pensam na questão da morte.

Observou-se, no grupo A, que 55,07% (n=38) alegaram pensar na morte às vezes e no grupo B 44,74% (n=17) dos casos. Isto implica numa disposição a abertura ao tema, não de forma obsessiva, caso pensassem na questão da morte com frequência, mais de forma equilibrada, demonstrando interesse pelo tema (Figura 1).

Os estudantes também foram questionados quanto aos sentimentos que eles relacionam ao processo de morte e morrer (Figura 2).

Observou-se que a tristeza é o sentimento mais lembrado, sendo citado por 53,33% (n=32) dos alunos do grupo A e 55,26% (n=21) daqueles pertencentes ao grupo B (Figura 2). Entende-se como sendo normal esse sentimento, em parte pela universalidade da morte<sup>8</sup>.

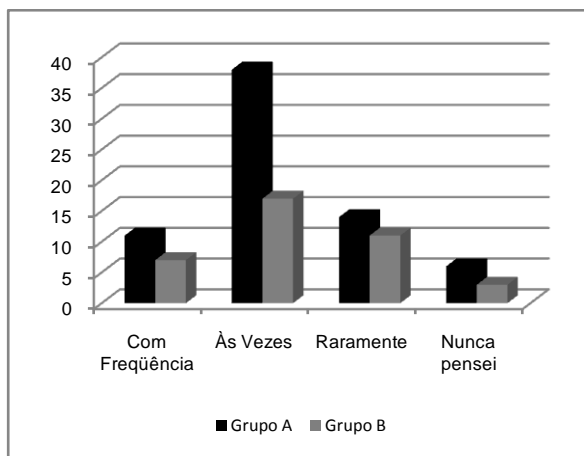


Figura 1. Frequência com que estudantes ingressos (Grupo A = 1º e 2º períodos, n=69) e egressos (Grupo B = 7º e 8º períodos, n=38) do curso de graduação em Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior do interior do Estado de Goiás pensam na morte.

Nenhum sentimento em relação à morte foi indicado por 17,39% (n=12) e 13,16% (n=5) dos alunos do grupo A e B, respectivamente (Figura 2). Porém, o termo “nenhum” pode indicar indiferença quanto ao assunto, mais uma vez como forma de negação do impacto da morte para o profissional de enfermagem<sup>10</sup>.

No item “outros” foram citados sentimentos como aceitação, libertação, mudança, esperança e até preparação, o que indica que os sentimentos em relação à morte também estão relacionados com a religião e a cultura (Figura 2).

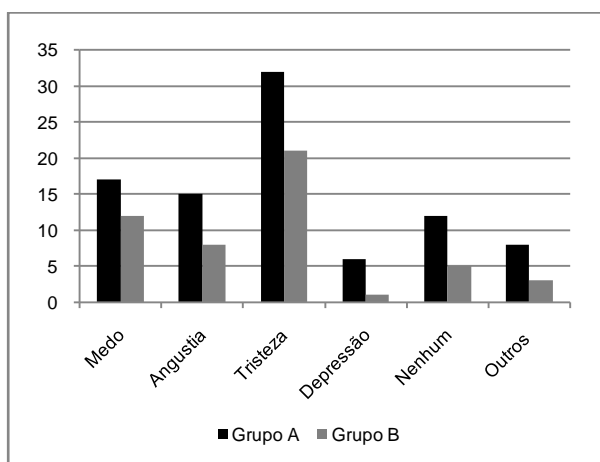


Figura 2. Sentimentos de estudantes ingressos (Grupo A = 1º e 2º períodos, n=69) e egressos (Grupo B = 7º e 8º períodos, n=38) do curso de graduação em Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior do interior do Estado de Goiás em relação à morte.

Quanto à atitude diante do tema, verificou-se que a maioria dos alunos do grupo A (76,81%, n=53) e de forma menos prevalente no grupo B (50,00%, n=19), quando questionados sobre o tema referiu discutir o assunto, o que indica uma predisposição caso o tema seja abordado. Esses resultados foram semelhantes à de outros estudos realizados na área de enfermagem<sup>3,8,9</sup>.

### Tanatologia e o curso de graduação em enfermagem

A última etapa da pesquisa foi uma avaliação de como o aluno julga os conhecimentos obtidos durante o curso de graduação em enfermagem sobre o processo de morte e morrer, a opinião dos mesmos quanto ao currículo de enfermagem em relação ao tema e; mais duas abordagens subjetivas, uma para que os alunos dessem sugestões, de forma livre, de como deveria ser a abordagem do tema na graduação e a outra sugerindo ao aluno que refletisse como ele lidaria na prática de sua profissão com o advento da morte.

Quanto aos conhecimentos obtidos em relação ao processo de morte e morrer, 75,36% (n=52) dos alunos no grupo A afirmaram ainda não ter estudado nada sobre o tema, o que já era esperado para alunos do início do curso. No grupo B, 28,95% (n=11) também afirmaram não terem estudado sobre o assunto, mas o maior percentual nesse grupo, 60,53% (n=23), afirmou ter estudado o assunto superficialmente, o que corrobora com outros estudos que indicam a presença do conteúdo no currículo de forma diluída, rápida e superficial<sup>11</sup>.

Em relação à avaliação que os alunos têm do currículo do curso de graduação de enfermagem, reafirmou-se os resultados da pergunta anterior, onde no grupo A, 52,17% dos alunos (n=36) afirmaram ainda não terem estudado o tema. No grupo B, observou-se que 47,36% dos alunos (n=18) consideraram o

currículo sobre o assunto insuficiente ou superficial e, ainda, 18,42% (n=7) afirmaram não terem estudado sobre o tema durante o curso de enfermagem. Esses resultados reafirmam a necessidade de integrar o assunto ao currículo de forma mais clara e objetiva e não apenas diluída e diminuída como se o advento da morte não possuísse maior importância, o que indica a reação de negação comum na sociedade ocidental, como também, demonstra a dificuldade do docente em abordar o tema<sup>12</sup>.

Ao solicitar que os alunos opinassem como deveria ser a abordagem do assunto em sala de aula, observou-se tanto no grupo A quanto no grupo B distintas opiniões relacionadas à maneira como os docentes deveriam conduzir o assunto:

*“Deve ser abordado de maneira clara e objetiva”* A30.

*“Por meio de métodos de ensino de fácil compreensão”* B19.

Quanto ao método utilizado:

*“Em forma de debate, entre toda a turma”* A55.

*“Palestras”* B29.

E também sugeriram conteúdos específicos como a abordagem a família, os estágios da morte entre outros.

*“Deve ser mais profundo, até mesmo porque às vezes o enfermeiro que vai dar a notícia a família dos mesmos, então tem que saber um pouco mais”* A35.

*“Preparar profissionalmente frente à morte, estágios da morte, a perda do paciente...”* B3.

O que se pode perceber das falas dos alunos é um conhecimento vago sobre o assunto e uma necessidade de complementação para uma formação holística e também humanizada, uma vez que discutir a morte é reafirmar a vida, a sua importância até nos momento final<sup>13</sup>.

Ao induzir o aluno a refletir como seria a sua atitude em relação a uma situação de morte e morrer na prática profissional percebeu-se a afloração de sentimentos diversos:

*“No momento ainda não pensei sobre isso”* A3.

*“Não lidaria”* B5.

Percebeu-se nessas falas que o aluno desde a graduação utiliza a negação em relação ao assunto, fugindo das implicações de lidar com a morte e da promoção do luto saudável. Pesquisadores relacionam esse comportamento, em parte, ao processo de formação do enfermeiro, e em parte, a filosofia de vida apregoada na sociedade ocidental<sup>12,13</sup>.

*“... sei que terei que estar psicologicamente preparada”* A65.

*“... espero encontrar em mim mais frieza”* B12.

As falas acima enfatizam a idéia de distanciamento da situação, mantendo o paradigma de que o bom profissional de enfermagem ou de que o profissional de enfermagem preparado para lidar com a morte é o insensível, o que não demonstra sentimentos ou não se relaciona afetivamente com os pacientes<sup>14,15</sup>.

O medo do futuro profissional em relação à morte de pacientes não foi observado em citações no grupo A, porém no grupo B, esse medo foi mais enfatizado, isso pode estar relacionado com o término do curso e com a expectativa concreta de lidar com a perda durante a prática profissional<sup>16</sup>.

Cabe ressaltar que a tanatologia é a ciência que trata das perdas, do luto propriamente dito<sup>2,17</sup> e a enfermagem vem sendo conceituada por meio dos anos como a arte e a ciência do cuidado, cuidado este que deve ser ministrado de forma holística e ética<sup>18</sup>.

Porém, quando se tenta unir a tanatologia com a enfermagem, percebe-se uma grande resistência por parte dos profissionais, uma vez que durante o processo de formação do enfermeiro é dada ênfase a batalha da vida contra a morte, sendo esta uma inimiga a ser vencida e não um processo natural do ciclo biológico.

Quando o óbito acontece é encoberto por mítica e preconceitos arraigados na profissão e na própria sociedade, impedindo que o profissional vivencie seu luto de forma completa, para só assim ser capaz de proporcionar conforto, informação e cuidado para o paciente terminal e sua família<sup>3,8,9</sup>.

## Conclusão

Observou-se, no presente estudo, que os alunos de enfermagem saem da graduação, em geral, com pouca ou nenhuma informação sobre como lidar com o processo de morte e morrer e com o luto, corroborando com outros estudos já realizados. Percebeu-se também que os próprios alunos conseguem identificar essa deficiência e estão abertos a discursos e a inclusão da tanatologia no currículo escolar.

Cabe então, aos cursos de graduação em enfermagem, iniciar seus acadêmicos em tanatologia, para no futuro, termos profissionais mais preparados para lidar com as perdas e também com suas próprias frustrações. Além disso, lançar as bases de uma sociedade onde a morte não é um fim em si mesmo, mais uma forma de superação, de afirmação da vida e de processo de construção da resiliência.

E parafraseando Kovacs<sup>13</sup>:

*Passamos o tempo todo estudando a vida e despreparados para a morte, porque então não estudar a morte para nos preparar melhor para a vida?*

## Conflitos de interesse

Não há conflitos de interesse.

## Referências

1. Sousa DM, Soares EO, Costa KMS, Pacifico, ALC, Parente ACM. A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos. Texto e contexto - enfermagem 2009; 18(1):41-47.
2. Kovacs MJ. Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. Paidéia 2008; 18(41):457-468.
3. Bernieri J, Hirdes A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. Texto e contexto – enfermagem 2007; 16(1):89-96.
4. Costa JC, Lima, RAG. Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. Rev. Latino-Am. Enfermagem 2005; 13 (2): 151-157.
5. A instituição Sena Aires. Disponível em: <http://www.senaaires.com.br/insthist.html>. Acesso em: 23 mai 2011.
6. Cursos da instituição Sena Aires: <http://www.senaaires.com.br/cursos/enfgrad.html>. Acesso em: 23 mai 2011.
7. Rocha D, Deusdará B, Análise de Conteúdo e análise do discurso: o lingüístico e seu entorno. Delta 2006; 22(1):29-52.
8. Oliveira JR, Bretãs JRS; Yamaguti L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. Rev. esc. enferm. USP 2007; 41(3):386-394.
9. Brêtas JRS, Oliveira JRS, Yamaguti L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. Rev. esc. enferm. USP 2006; 40(4):477-483.
10. Bellato R, Carvalho EC. O jogo existencial e a ritualização da morte. Rev. Latino-am Enfermagem 2005; 13(1):99-104.
11. Bellato R, Araújo AP, Ferreira HF, Rodrigues PF. A abordagem do processo do morrer e da morte feita por docentes em um curso de graduação em enfermagem. Acta paul. Enferm 2007; 20(3):255-263.

12. Pinho LMO, Barbosa MA. A relação docente-acadêmico no enfrentamento do morrer. Rev. Esc. Enferm. USP 2010; 44(1):107-112.
13. Kovacs MJ. Educação para a morte. Psicol Ciência Prof. 2005; 25(3):484-497.
14. Aguiar IR, Veloso TMC, Pinheiro AKB, Ximenes LB. O envolvimento do enfermeiro no processo de morrer de bebês internados em Unidade Neonatal. Acta paul. Enferm 2006; 19(2): 131-137.
15. Shimizu HE, Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. Reben 2007; 60(3):257-262.
16. Rosa AF, Lunardi VL, Barlem ED; Lunardi WDF. Percepções das enfermeiras frente aos sentimentos de quem vivencia o processo de morte e morrer. Ciência Cuidado e Saúde 2006; 5(2):204-211.
17. Combinato DS, Queiroz MS, Morte: uma visão psicossocial. Estudos de Psicologia 2006; 11(2):209-216.
18. Fernandes GCM, Becker SG, Ramos DJS, Prado RA, Sasso GMD, Martins CR. As expressões da arte em enfermagem no ensino e no cuidado em saúde: estudo bibliométrico. Texto Contexto - Enferm. 2011; 20(1):167-174.